

José Ribeiro Ferreira
Universidade de Coimbra

A figura de Prometeu em poetas portugueses contemporâneos

Herói que ousa afrontar a divindade, Prometeu aparece em Hesíodo¹ a tentar ludibriar Zeus, o pai dos homens e dos deuses, quando lhe deu a escolher, num sacrifício, entre um montão de ossos disfarçados com a gordura e a carne escondida pela pele, induzindo o filho de Cronos a optar pela primeira alternativa para beneficiar os homens com a melhor parte do sacrifício. Como castigo, Zeus privou os mortais do fogo que Prometeu, em novo acto de *hybris*, conseguiu recuperar no Olimpo e trazer até à terra escondido numa canafrecha. Então Zeus, encolerizado, agrilhoou o Titã a uma coluna ou a um penhasco, conforme as versões, e condenou-o à visita diária de uma águia que lhe devorava o fígado, até ser libertado por Hércules que por ali passa, milhares de anos depois, e mata a ave do Crónida.

O Titã é apresentado no *Prometeu Agrilhoado* – quer a tragédia seja de Ésquilo ou de outro grande tragediógrafo – como o benfeitor da humanidade que com a dádiva do fogo permite o progresso do homem; também como o rebelde obstinado que não cede ao poder tirânico de Zeus, opondo firmeza de carácter e serenidade, ante a injustiça do castigo, à subserviência das demais figuras.

Em outras fontes, em especial nas *Metamorfoses* de Ovídio (80-88 e 363-364), Prometeu surge ainda como o criador dos homens, modelando-os com terra à imagem dos deuses e dando-lhe um corpo direito e a olhar o céu, para os distinguir dos outros animais.

E assim o mito de Prometeu, além de explicar o aparecimento do fogo, ofereceu-nos também uma figura de significado poliédrico que é ao mesmo tempo símbolo do que implique luta por um ideal e nobreza de alma; símbolo de inquietação humana e das crenças e aspirações que ao longo dos tempos predominaram sucessivamente no coração humano; símbolo de protesto do homem contra a injustiça e da liberdade contra a opressão; elogio do saber e da luta do artista para dar forma à sua obra; símbolo da elevação do poeta ao lugar de Deus criador e do esforço criador do homem que ultrapassa a sua condição, quer desafiando a divindade, quer arrostando contra

¹ *Teogonia* 502-616 e *Erga* 47-105.

o mundo adverso; enfim, bandeira da rebelião da natureza contra as regras e símbolo da humanidade e da cultura humana, desde o renascimento.

Não será de estranhar que entre os nossos poetas contemporâneos a figura do titã esteja presente, embora não com a assiduidade que seria de esperar.

Talvez um pouco sugestionado por autores como Goethe, Shelley, Edgar Quinet, André Gide, Roger Dumas, Spitteler; e, entre nós, Guerra Junqueiro e Bazílio Telles²; habituado também à importância que o Titã adquiria nos séculos XVIII e XIX e à frequência com que era referido ou se lhe fazia alusão, estava na expectativa de encontrar um tratamento mais assíduo nos poetas contemporâneos, sobretudo em alguns deles. Foi surpresa que assim não acontecesse. As ocorrências são, no entanto, significativas e bem elucidativas da pervivência do mito. Vou comentar exemplos de diversos poetas, sem pretensão de ser exaustivo.

João Maia, nos *Poemas Helénicos* (Braga, 1962, p. 41), legou-nos, com o título de “Prometeu”, um dos poemas de mais denso significado sobre o mito do titã. Tem subjacente a tragédia *Prometeu Agrilhoado*, que anda atribuída a Ésquilo, ao declarar-se o sujeito poético «pedra da funda de Ésquilo» (v. 12)³. Mas as alusões à tragédia e ao mito são mais intensas, se bem que não explícitas. O poema, de três estrofes, começa por uma referência à falta de retirar o fogo para o dar aos homens – «A escada de ladrão de que me fiz» (v. 1) –, seguida do respectivo castigo. A primeira estrofe, no entanto, – que, no verso «Assente em náusea e asco» (v. 2), expressa também o sentimento de remorso que se não encontra no *Prometeu Agrilhoado* – alude apenas à primeira parte do castigo, ao agrilhoamento ao penhasco, que lhe dói «nos ossos» (v. 3) e devido ao qual se sente «negado a mastros e poços», a «abismos e alturas» em que o eu poético se quis (vv. 4-6). Aliás o encadeamento é também a única parte do castigo a que assistimos no *Prometeu Agrilhoado*. A tortura da visita da águia aparece apenas como ameaça futura anunciada por Hermes no Êxodo (vv. 1021-1029).

E a segunda estrofe especifica a sequência do castigo – a vinda diária da ave. Simplesmente João Maia, como outros poetas portugueses, de que vou falar, substitui a tradicional águia, que é a ave simbólica de Zeus, pelo bem mais sombrio abutre, devido naturalmente ao carácter despectivo que tem e ao seu convívio com os cadáveres e a morte. É pois o abutre que, como acontece no mito, o visita e o ronda diariamente para lhe devorar as entranhas:

Quando o abutre que me ronda
 Bate as asas ao vento do destino
 Sigo-lhe a curva redonda
 Que fiz dizer «não» ao que é divino.

A quadra acabada de citar aponta outra causa do castigo, uma das que mais sublinhada é no *Prometeu Agrilhoado*, a negação do Titã em colaborar com a divindade, com Zeus. Mas esta «curva redonda / Que fiz dizer «não» ao que é divino» (vv. 9-10)

² Vide Ana Paula Quintela Sottomayor, *Êsquilo: Prometeu Agrilhoado*. Introdução, tradução e notas (Lisboa, Edições 70, 1992), pp. 23-25.

³ Durante muito tempo considerado, de modo geral, da autoria de Ésquilo, hoje vai-lhe sendo negada cada vez com mais insistência essa paternidade. Vide M. Griffith, *The Authenticity of Prometheus Bound* (Cambridge, 1977).

alude apenas à figura mítica que afronta o pai dos deuses, ou implica e afecta também a falta de disponibilidade do poeta para o «que é divino»? Repare-se que, no mito e na tragédia, Prometeu enfrenta o destino e não cede às prepotências de Zeus, enquanto aqui o sujeito poético parece deixar levar-se pelas asas do destino (vv. 8-9).

A terceira estrofe faz uma alusão subtil à única saída de Prometeu, na tragédia *Prometeu Agrilboado*, à prepotência do deus: a resistência às ordens de Zeus e a sua persistência em não lhe revelar o segredo que possui. É esse dizer não, a que alude o último verso da quadra (v. 10), que lhe permite ser «pedra da funda de Ésquilo» e possibilita darem lume os seus «dedos apagados». Mas dedos apagados agora, porque Prometeu, acorrentado ao penhasco do Cáucaso e abandonado praticamente por todos, já não tem possibilidade de transmitir o fogo e apenas revive na criação do tragediógrafo ateniense? Ou há também a intenção de estabelecer um contraste entre o Titã, que legou o fogo aos homens, e o poeta que, de «dedos apagados» (v. 15), não passa das coisas lhanas, incipientes, toscas – apenas consegue ser «pedra da funda de Ésquilo» que passa zunindo «rente dos telhados» (vv. 12-13).

O poema, que vive de contrastes – por exemplo, «mastros e poços» (v. 5), «abismos e alturas» (v. 6) – e de aliterações (em **a** nos versos 2 e 6), merece ser transcrito na íntegra:

A escada de ladrão de que me fiz
Assente em náusea e asco
Dói-me nos ossos.
Cá estou no penhasco,
5 Negado a mastros e poços
abismos e alturas em que me quis.
Quando o abutre que me ronda
Bate as asas ao vento do destino
Sigo-lhe a curva redonda
10 Que fiz dizer «não» ao que é divino.
Sou então
Pedra da funda de Ésquilo.
Passo zunindo e rente dos telhados.
Só assim dão lume
15 Meus dedos apagados.

José Gomes Ferreira é outro poeta que trata o mito de Prometeu, e um dos que mais ocorrências apresenta. Refere-o em três poemas – ou pelo menos parece fazer-lhe alusão: os XXII e XXVIII de *Elementos* (II, p. 410) e o III de *Noruega* (III p. 308)⁴. Embora existam outras referências ao mito na sua obra, apenas me proponho tratar a sua presença na poesia⁵.

⁴ Cito pela edição de Círculo de Leitores *Poeta Militante* (I 2003), II 2004, III 2004).

⁵ Luís Filipe Soares Sampaio Teixeira apresentou e defendeu na Faculdade de Letras de Viseu da Universidade Católica uma tese sobre *Mitos Clássicos na Poesia de José Gomes Ferreira* (Viseu, 2002, policopiada). Aí aborda, nas páginas 29-39, o mito de Prometeu na obra do autor de *Poeta Militante*. Para elas remeto os interessados.

Para José Gomes Ferreira a poesia é grito, revolta, denúncia – o que chama «estética do grito»⁶. E com a abordagem do mito de Prometeu pretende ele denunciar o absurdo da vida. O poema XXII de *Elementos* clama que não o «enterrem vivo» nem o cubram de silêncio como se o metessem num caixão, ao «lado do Grito». Pede, pelo contrário – numa possível alusão ao caso de Prometeu – que, ao morrer o estendam «numa rocha nua», para «ser devorado pelas pedras e pelos «bicos das nuvens». Cito o poema por inteiro:

Ah! Não me enterrem vivo!
Não me fechem num caixão com o silêncio.
Ao lado do Grito.
Quando eu morrer
estendam-me numa rocha nua.
E deixem-me ser devorado pelas pedras.
Pelos bicos das nuvens.
Morte é liberdade.
Ar.

O poema XXVIII, uma composição de dez versos, é encimado pela epígrafe “Herança de Prometeu” e tem subjacente o titã Prometeu como criador dos homens, que não encontramos em Hesíodo nem no *Prometeu Agrilboado*, mas que adquire relevo na versão do mito narrada nas *Metamorfoses* de Ovídio: o poeta, que em criança modelava figuras «com a lama dos quintais», sente-se só. E quantos mais perfis modelava mais só se sentia. Na segunda parte do poema, que começa no verso 6 e se encontra marcada por travessão, faz-se alusão ao transporte do fogo e à ave que são elementos tradicionais, embora substitua a águia pelo abutre, como acontecera já no poema de João Maia. Agora, porém, desconstruindo a versão usual, não é a ave que lhe devora as entranhas mas é antes o poeta-Prometeu que estrangula abutres e há-de «escalar o céu», não para roubar o fogo, como narra a tradição, mas para dar «à solidão das estrelas» o «verdadeiro fogo» (vv. 9-10) que é o do poeta. Eis o poema:

Em criança
às vezes modelava perfis de terra
com a lama dos quintais.
Mas parava triste
ao sentir-me mais só
– tu estrangulador de abutres
de mãos secas
que um dia hás-de escalar o céu
para dar o verdadeiro fogo, o nosso,
à solidão das estrelas.

O poema repete a referência à solidão, tónica que a terceira composição dedicada a Prometeu (III p. 308) volta a percutir. Com a epígrafe “Ilha deserta” e com a mesma concepção do Titã como criador dos homens, o poema contém alusões várias à passagem

⁶ Assim a define em texto publicado em *A Memória das Palavras, ou O Gosto de Falar de Mim* (Lisboa, Dom Quixote, 1991), p. 188.

do poeta pela Noruega, onde foi cônsul em Kristiansund, e acentua a solidão que viveu e o frio que sentiu nesse país, coberto de neve em parte do ano e com as sombras da noite a envolver tudo a partir das duas horas da tarde⁷: além de os termos ‘quarto’, ‘ilha’, ‘solidão’ sugerirem a ideia de exílio e isolamento, acresce que essa ilha é deserta, a terra é de nada, como sugere no verso 4, e local onde iniciou «a exploração das minas menos secretas da solidão» (vv. 5-7) e onde habitava num buraco, da rua trazia «um bocado de neve» (vv. 10-11) e vivia «A sós / com o abutre de garras de frio» (vv. 18-19). Temos, portanto, uma reiteração insistente no isolamento, silêncio e falta de calor humano. Solidão que também é uma das tónicas do castigo imposto a Prometeu e que o Titã penosamente sente, como denunciam as suas palavras amargas dos versos 268-270 do *Prometeu Agrilboado*, em que se lamenta de nunca ter pensado que, consumido por semelhantes sofrimentos e acorrentado a um penhasco, estava destinado a viver naquele pico ermo e solitário.

Além deste isolamento são mais dois os elementos do mito aflorados: a ousadia de modelar criaturas e o subsequente castigo diário da ave – no caso, abutre. O poeta, qual outro Titã, nessa busca exploratória «das minas menos secretas / da solidão», a cada passo desce à rua, regressa «de lá com um bocado de neve, mistura «terra e céu», acende-lhe «um perfil qualquer / de seda, morte e mulher» (vv. 10-14). Assim passa o frio das noites «a fingir de Prometeu» (v. 17) e, como o Titã, vê-se só a contas «com o abutre» que vive em cada um de nós e «se devora a si mesmo» (vv. 18-21). Simplesmente, no poema de José Gomes Ferreira, são «garras de frio» as que o abutre lhe crava.

Será melhor, contudo, proporcionar a leitura integral do poema que passo a transcrever:

Aquele quarto
foi a última ilha achada pelos portugueses
onde mal cheguei a nado
(«a nada», diriam os poetas de hoje)
5 inicie a exploração
das minas menos secretas
da solidão.
De vez em quando
escavava um buraco no chão
10 descia à rua
trazia de lá um bocado de neve,
misturava-a com terra e céu,
acendia-lhe um perfil qualquer
de seda, morte e mulher
15 – e assim passava as noites
com frieza de cio
a fingir de Prometeu.
A sós
com o abutre de garras de frio
20 que se devora a si mesmo
nas entranhas de todos nós.

⁷ Cf. José Gomes Ferreira, *A Memória das Palavras*, p. 123.

Gostaria, antes de passar a outro poeta, de chamar a atenção para a aliteração nos versos 6 e 14 e para algumas sugestivas metáforas: «minas menos secretas da solidão» (vv. 6-7), misturar neve «com terra e céu» (v. 12), acender perfil «de seda, morte e mulher» (vv. 13-14), «abutre de garras de frio» (v. 19).

Vejam agora Miguel Torga, um dos escritores que mais ocorrências nos legou do mito de Prometeu, embora sem a importância que a minha expectativa inicial me fez esperar: apenas um poema e sete referências, algumas ocasionais, todas no *Diário*, mesmo o poema⁸. E começo por um passo (*Diário* VI, p. 542) em que acentua a superioridade de Prometeu em relação a outros heróis, reais ou míticos: «O Sepúlveda autêntico do naufrágio quinhentista, embora trágico, perde muito da sua grandeza ao lado da misérrima condenação do inventado Adamastor de Camões, que, por sua vez, empobrece também comparado com o desgraçado Prometeu amarrado à fraga e a ser rilhado do fígado trinta mil anos». Outras vezes exalta e sublinha a sua inquietação e o seu poder de criador e de artista. Assim num texto de 21 de julho de 1951 (incluído no *Diário* VI), a propósito da representação do *Auto da Lusitânia* de Gil Vicente, disserta sobre o carácter polimorfo de Lúcifer e Satanás, a sua revolta, relacionando-os com todas as figuras que ao longo dos tempos se insurgem contra a submissão. E neste contexto cita Cristo e Prometeu: «O espírito de espada preta, de sacrílegas aventuras, de imprevistas fascinações, esse é que tentou verdadeiramente a Ásia e depois a Europa. A Judeia põe, nada mais, nada menos do que o mundo aos pés de Cristo; e a Grécia opõe à serenidade de Júpiter a inquietação de Prometeu» (p. 538). E o Titã insubmisso da tradição mítica volta a surgir numa reflexão, datada de 8 de Novembro de 1952 (*Diário* VI), em que caracteriza Leonardo da Vinci, de forma metafórica, comparando-o com a figura de Prometeu e com o seu espírito criador: «Divino, agora, não é Deus; é quem seja capaz de pintar *A Ceia* ou possa escrever o memorando que Leonardo enviou a Ludovico Sforza. Com a orgulhosa consciência do seu poder intelectual, Prometeu vai outra vez tentar o impossível. Pela mão da confiança em si mesmo do novo titã, o esplendor da especulação grega tem finalmente a sua resposta prática» (p. 585).

O filho de Jápeto aparece de novo como símbolo da humanidade e da liberdade num passo do *Diário* IX, datado de 8 de dezembro de 1961, no qual o escritor se identifica com o Titã e interpreta de modo alegórico o castigo ou a visita da águia: «Autor, actor e espectador, acabo por encarar toda a tragédia da espécie humana no palco da consciência: Prometeu, com o fogo roubado aos deuses nas mãos orgulhosas, roído pela águia do seu íntimo terror...» (p. 894). A mesma identificação com a espécie humana surge num texto que Miguel Torga leu num colóquio comemorativo da abolição da pena de morte em Portugal (12 de setembro de 1967), em que fala dos homens como «filhos de Prometeu» (p. 1014), e na anotação, datada de 5 de Julho de 1963, em que ele, médico-poeta – a propósito dos seus esforços de três dias passados em volta de um doente para lhe salvar a vida, e coroados de êxito – refere os pequenos

⁸ Faço as citações pela edição que agrupou em dois volumes os 16 livros: *Diário* I-VIII e *Diário* IX-XVI, ambos publicados em Coimbra, 1995. José Marques Albuquerque, *Temas Clássicos em Miguel Torga* (Dissertação de Mestrado policopiada, apresentada em Viseu, 2002), pp. 129-132 trata do mito de Prometeu em Torga.

sucessos que os homens têm no dia a dia, «migalhas que valem a pena no plano mais exigente», condenados que nascemos «à sede absoluta e ao gosto de a mitigar em fontes relativas». É que os «Prometeus da imaginação grega são meras sublimações de humildes esforços bem sucedidos», e afinal o «fogo roubado é, modestamente, um pau friccionado até à exaustão...» (p. 932)⁹.

No *Diário* IV, com data de 26 de fevereiro de 1949, inclui Miguel Torga o poema “Vem, doce morte” que trata o tema de Prometeu, aludindo à sua qualidade de benfeitor da humanidade. O poeta identifica-se mais uma vez com o herói mítico e sublinha o seu amor e dádiva aos homens pela anáfora da forma verbal «dará», pela repetição, em paralelismo, do indefinido **todo**, no masculino e no neutro (versos 5-6) e pela sugestão, a terminar o poema, de que é traição o alheamento e a indiferença (v. 10): «Um coração só é feliz parado, / Quando não é traição ficar sozinho». O poema insiste também no estado de tristeza e cansaço em que o poeta-Prometeu se encontra. E «triste» é a palavra que abre a composição, bem realçada em verso isolado, e que se repete também no primeiro verso da segunda estrofe, potenciada pela expressão «cada vez mais» e pelas aliterações em **m** e em **c**: «Mas cada vez mais triste e mais cansado» (v. 7). E, se o «coração resiste / Por fidelidade» e não deixará de dar «todo o calor que o aqueceu», «tudo o que tem à humanidade», essa tristeza e esse cansaço – que só lhe permite dar ‘calor’ aos homens, já não o fogo – levam-no a desejar a morte, porque só pode o coração parar sem infelicidade, «quando não é traição ficar sozinho». Transcrevo o poema:

Triste,
Meu coração resiste
Por fidelidade.
Prometeu,
5 Dará tudo o que tem à humanidade.
Dará todo o calor que o aqueceu.

Mas cada vez mais triste e mais cansado,
Que ninguém o demore no caminho.
Um coração só é feliz parado,
10 quando não é traição ficar sozinho.

Quero agora fazer uma referência, se bem que rápida, a António Ramos Rosa, para quem o mito do filho de Jápeto também não é estranho. Em *Deambulações Oblíquas*, um livro saído na Quetzal em 2001, publica um poema (p. 23) que associa Prometeu, Orfeu e Diónisos. A composição fala do corpo da pátria «de impetuosas linhas / de excelsa formosura de liberdade nascente», cujo génio, quando essa pátria renasce ou se levanta, «aparece / com o fogo de Prometeu e a lira de Orfeu»:

Há um génio no corpo de impetuosas linhas
de excelsa formosura de liberdade nascente

⁹ Na p. 1003, temos outra alusão a Prometeu, ao contrapor Portugal a outros povos, na qual o titã é referido como figura literária: «Outros povos proporcionam aos seus Ésquilos e Cervantes os Prometeus e os Quixotes que sabemos. Portugal sugeriu a Camões a imagem negativa do homem rotineiro, acomodado, sem ímpeto e sem imaginação».

Quando a pátria se levanta esse génio aparece
com o fogo de Prometeu e a lira de Orfeu
5 Então todos comunicam através de um ser único
e dançam a liberdade das estrelas ascendentes

E nesse momento em que «todos comunicam através de um ser único» e em que «o todo se inclina para o seu próprio rosto de una duração», a força de Diónisos vive na «audácia ardente / que impele os corpos para a encarnação voluptuosa»:

Dioniso está vivo nessa audácia ardente
que impele os corpos para a encarnação voluptuosa
abrindo-os como leques de um negro esplendor
15 em que a pátria se desnuda oferecendo o seu tímido seio de mulher forte

E assim, nos momentos em que a pátria ressurgue, se renova, vive a «liberdade nascente», conjugam-se – num ser único em que todos comunicam, o corpo da pátria que «se desnuda oferecendo o seu tímido seio de mulher forte» – o fogo de Prometeu, a música e poesia de Orfeu e a força vital de Diónisos.

Fiama Hasse Pais Brandão inclui, nos *Cantos do Canto*, o poema “Canto das chamas” (pp. 39-40), no qual nomeia Prometeu, uma divindade astuta que conseguiu enganar Zeus e roubar aos deuses o fogo para o doar aos homens; em consequência, sofreu o castigo do pai dos deuses: encolerizado, agrilhoou o titã a uma montanha do Cáucaso, onde uma águia vinha todos os dias devorar-lhe o fígado que também diariamente se renovava. Transcrevo a primeira estrofe do poema (vv. 1-10) – a única que aqui interessa –, onde se encontram presentes diversos dos referidos elementos, e chamo a atenção para a aliteração frequente (e. g. vv. 2, 4, 5, 6, 7 e 8):

Bendigo o Prometeu agrilhoado
que por mim sofreu os seus grillhões
e me trouxe as chamas da Paixão,
serena dor, a *solidão sonora*.
5 Na lareira estala e geme a lenha,
martírio doce meu de cada dia
que mais me salva a alma do que as artes
me salvam de cair na Dor diária.
Bendigo o martírio da Cruz viva
10 que no serão me deu as chamas negras.

O sofrimento de Prometeu, por causa da sua ajuda aos homens, é subtilmente associado à Paixão de Cristo – o agrilhoamento de Prometeu trouxe ao sujeito poético «as chamas da Paixão» (v. 3) – e ao seu sofrimento e morte na cruz: «Bendigo o martírio da Cruz viva» (v. 9).

Em Manuel Alegre temos duas referências ao mito de Prometeu, uma explícita e outra implícita – respectivamente, num dos últimos poemas de *Sonetos do Obscuro Quê*, o que tem por título “Saída” (p. 672), e em *Senhora das Tempestades*, no poema “Águias” (p. 69)¹⁰.

¹⁰ As citações são feitas pela edição *Obra Poética* (Lisboa, Dom Quixote, 1999), p. 672) e *Senhora das Tempestades* (Lisboa, Dom Quixote, 1998), p. 69.

Na primeira composição, reflecte sobre as transformações provocadas pela ciência e técnica, possivelmente a caminho da desumanização e da robotização que se antevê no futuro, ou talvez do nada e do aniquilamento: o «cadáver congelado» a «renascer numa nave espacial», outro «homem no homem enxertado» que pode ser alguém ou «talvez ninguém». E na base de toda essa transformação e mutação estão os actos dos homens, «os novos Prometeus» que necessitam, para cantar a sua gesta, de «novo Homero», «feito por medida».

Transcrevo o soneto que tem um ritmo e cadência quase encantatória que assenta em assonâncias, rimas interiores, aliterações:

E verás o cadáver congelado
renascer numa nave espacial.
Talvez o homem esteja ultrapassado
e nunca chegue ao quê ao quando ao qual.

A mutação: os novos Prometeus.
E feito por medida um outro Homero.
Talvez enfim o deus ou o nenhum deus
que está por dentro da palavra zero.

Outro homem no homem enxertado.
Transformação. Robôs. O quê. E quem.
Talvez enfim alguém. Talvez ninguém.

Talvez o nunca dantes desvendado
em outras naves e outras caravelas
“a caminho do sol e das estrelas”.

A segunda referência ao mito de Prometeu vem no poema “Águias” da última parte do livro *Senhora das Tempestades*, com o nome de “Puro Som”, que nos oferece uma poesia primordial e uma logofania poética. A poesia é feita de ritmo, música e palavras; e estas são como «águias que debicam / meu coração no cimo da montanha» – alusão evidente ao suplício de Prometeu, embora o órgão que elas devoram – uma alteração significativa em relação ao mito – seja não o fígado mas o coração, centro da afectividade e da vida. Essas águias-palavras são também tortura do poeta que se sente preso ao som e ritmo das palavras e da língua, do verso e da folha em que escreve. Há que estar atento à página do livro e nele ouvir «o rumor do mundo / a floração secreta a música / as águas dentro da palavra / as águias» (p. 69):

As águas negras da noite as águas negras
as águias que debicam
meu coração no cimo da montanha
a pulsação do mar o oiro alquímico
5 a batida do vento e a laranja
que devagar amadurece algures no mundo.
Toda a terra está escrita.
Encosta o teu ouvido à página do livro
ouve o rumor do mundo
10 a floração secreta a música
as águas dentro da palavra
as águias.

Assim «no canto esplendoroso e alquímico da língua, na página do livro, na terra escrita pelos poetas, é que Prometeu sublima e transcende as suas agonias e os seus cativos e encontra a sua libertação e a libertação dos homens»¹¹.

E por fim uma referência rápida a Daniel Faria – um poeta que morreu novo, em 1999, com 28 anos, mas já com uma obra poética ampla e de significativo valor, coligida por Vera Vouga e publicada pela Quasi¹². Além de uma possível alusão em «sem o agasalho das asas / Agrilhado no lado de fora do fogo» (vv. 1-2 da composição da p. 299), escreveu um poema que tem subjacente o mito de Prometeu, com o qual se identifica o sujeito poético, e que faz referência à visita diária da águia que lhe vem comer o fígado e alude à libertação desse castigo por Hércules (p. 430):

Mãe
Manda a águia
Que come o meu fígado
Ir embora
Mãe
Grita
Chama por Hércules
Mãe
Tenho vida

Podia ainda comentar o *Prometeu. Trilogia em cinco episódios* (Coimbra, Minerva, 1999) de Delfim Ferreira Leão, considerável poeta já com quatro livros publicados, se o tempo – esse Cronos devorador – se não tivesse escoado. Direi apenas que tem, como o nome sugere, subjacente o mito de Prometeu, em especial a versão de Hesíodo e o episódio em que os deuses fazem doação aos homens da primeira mulher, Pandora.

De qualquer modo, o que acima se expende permite concluir que o mito de Prometeu, apesar de não ter na poesia dos últimos cinquenta a setenta anos a mesma importância que se nota na literatura dos séculos XVIII e XIX, continua vivo e veículo de preocupações, sentimentos e ideais que os poetas contemporâneos desejam transmitir, comunicar ou inculcar nos homens. E um desses ideais será ser símbolo do esforço do homem em luta contra o mundo adverso.

¹¹ – V. M. Aguiar e Silva, “Prefácio” de *Senhora das Tempestades* (Lisboa, Dom Quixote, 1995), p. 22.

¹² – Daniel Faria, *Poesia* (Vila Nova de Famalicão, 2003). Frequentou o Seminário e a Universidade Católica do Porto, onde apresentou e defendeu (1996) a tese de licenciatura em Teologia, intitulada *A Vida e Conversão de Frei Agostinho: entre a aprendizagem e o ensino da Cruz* (Lisboa, 1999). Foi aluno da Faculdade de Letras do Porto de 1994 a 1998, onde se licenciou. Entrou para o Mosteiro de Singeverga, onde a morte o colheu num acidente.